

MUDANÇA LEXICAL EM LIBRAS: NEOLOGISMOS ACADÊMICOS NA FORMAÇÃO DE DOUTORES SURDOS

LEXICAL CHANGE IN LIBRAS: ACADEMIC NEOLOGISMS IN THE TRAINING OF DEAF DOCTORS

*CAMBIO LÉXICO EN LIBRAS: NEOLOGISMOS ACADÉMICOS EN LA FORMACIÓN DE DOCTORES
SORDOS*

Deonísio Schmitt

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutor em Linguística

Carla Beatriz Medeiros Klein

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil
Doutoranda em Letras

Eduardo Alberto Megda

Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Universidade Federal do Pará, Brasil
Doutoranda em Estudos Linguísticos e Estudos Literários

Ananda Loiola Simões Elias

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutoranda em Linguística

Marcelo de Araújo Costa

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Letras Libras

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i3.557>

Publicado em: 07.03.2026

Resumo: A mudança lexical em Libras, impulsionada pela formação de doutores surdos, constitui fenômeno linguístico e sociocultural de relevância crescente no Brasil. Este artigo analisa os processos de neologização — composição, derivação paramétrica, metáfora visual e ancoragem lexical — que expandem o léxico acadêmico da língua de sinais para conceitos como epistemologia, hermenêutica e interseccionalidade. Tradutores-intérpretes educacionais (TILSP), professores surdos/ouvintes e doutorandos atuam como agentes colaborativos na criação e validação desses neologismos, superando limitações históricas da terminologia científica em Libras. As implicações revelam uma epistemologia surda visual autônoma, resistência ao colonialismo linguístico oralista e consolidação identitária da comunidade surda no espaço universitário. Conclui-se que o mapeamento sistemático desses neologismos subsidia políticas linguísticas inclusivas e glossários bilíngues oficiais para o ensino superior.

Palavras-chave: Libras. Neologismos acadêmicos. Mudança lexical. Doutores surdos. Epistemologia surda.

Abstract: Lexical change in Libras, driven by deaf PhD formation, constitutes a linguistically and socioculturally relevant phenomenon in Brazil. This article analyzes neologization processes — composition, parametric derivation, visual metaphor, and lexical anchoring — that expand the academic lexicon of sign language for concepts such as epistemology, hermeneutics, and intersectionality. Translator-interpreters (TILSP), deaf/hearing professors, and PhD candidates act as collaborative agents in creating and validating these neologisms, overcoming historical limitations of scientific terminology in Libras. Implications reveal an autonomous deaf visual epistemology, resistance to oralist linguistic colonialism, and consolidation of deaf community identity in university spaces. It is concluded that systematic mapping of these neologisms supports inclusive language policies and official bilingual glossaries for higher education.

Keywords: Libras. Academic neologisms. Lexical change. Deaf PhDs. Deaf epistemology.

Resumen: El cambio léxico en Libras, impulsado por la formación de doctores sordos, constituye un fenómeno lingüístico y sociocultural de creciente relevancia en Brasil. Este artículo analiza los procesos de neologización — composición, derivación paramétrica, metáfora visual y anclaje léxico — que expanden el léxico académico de la lengua de señas para conceptos como epistemología, hermenéutica e interseccionalidad. Traductores-intérpretes educativos (TILSP), profesores sordos/ oyentes y doctorandos actúan como agentes colaborativos en la creación y validación de estos neologismos, superando limitaciones históricas de la terminología científica en Libras. Las implicaciones revelan una epistemología sorda visual autónoma, resistencia al colonialismo lingüístico oralista y consolidación identitaria de la comunidad sorda en el espacio universitario. Se concluye que el mapeo sistemático de estos neologismos subsidia políticas lingüísticas inclusivas y glosarios bilingües oficiales para la educación superior.

Palabras clave: Libras. Neologismos académicos. Cambio léxico. Doctores sordos. Epistemología sorda.

Introdução

A expansão da comunidade surda no ensino superior brasileiro, nas últimas duas décadas, tem provocado profundas transformações no léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras). À medida que pessoas surdas ingressam e consolidam trajetórias em programas de pós-graduação, especialmente em nível de doutorado, a língua de sinais passa a se deparar com a necessidade de nomear conceitos técnicos e abstrações próprias do discurso científico. Esse processo de nomeação, que culmina na criação de novos sinais e em adaptações semânticas, caracteriza-se como um fenômeno de mudança lexical, expressão concreta da vitalidade e da produtividade interna da Libras enquanto sistema linguístico vivo (Biderman, 2001; Tournier,

1985; Quadros; Karnopp, 2004).

A mudança lexical é parte constitutiva da dinâmica de qualquer língua natural e manifesta-se pela introdução de novos itens lexicais, pela obsolescência de outros ou por alterações de significado que acompanham transformações sociais e culturais. Nas línguas de sinais, esse fenômeno assume formas específicas em razão de sua modalidade visual-espacial e do papel central da iconicidade na criação lexical (Stokoe, 1960; Liddell, 2003). Em Libras, a criação de neologismos ocorre, em muitos casos, por meio de processos de composição, metáfora visual e analogia morfológica. Contudo, o contexto acadêmico impôs novas demandas à língua, gerando sinais que extrapolam os domínios cotidianos e adentram o campo terminológico das ciências humanas, sociais e aplicadas (Fernandes, 2019; Karnopp, 2010).

A presença de doutores surdos nas universidades brasileiras não se limita ao reconhecimento institucional da diversidade, mas representa um marco na democratização epistêmica da ciência. À medida que pesquisadores surdos passam a produzir e defender suas teses em Libras, emerge um léxico próprio da produção científica visual, articulado por e para a comunidade surda (Perlin, 2016; Strobel, 2008). Esse léxico acadêmico, ainda em consolidação, traduz não apenas conceitos, mas também modos de ver e interpretar o mundo, ligados a um modo de pensar visual e gestual, assentado em bases culturais específicas. Assim, a mudança lexical, no contexto das produções acadêmicas de doutores surdos, não é apenas um reflexo linguístico, mas também um gesto político de afirmação identitária e epistemológica.

Nas interações acadêmicas — defesas de tese, aulas, grupos de pesquisa e bancas examinadoras —, evidencia-se o surgimento de sinais para termos como “epistemologia”, “hermenêutica”, “metodologia qualitativa”, “interdisciplinaridade” e “autoria científica”. Cada criação sinalizada é fruto de processos coletivos de negociação semântica, nos quais intérpretes, docentes e discentes surdos participam ativamente da construção dos significados (Sutton-Spence; Quadros, 2006). Esses ambientes funcionam como verdadeiros laboratórios de inovação lexical, onde se testam formas, metáforas e combinações para novos conceitos teóricos.

O estudo da neologia em Libras implica reconhecer que a língua sinalizada não está em estado de completude, mas em constante transformação, acompanhando o avanço sociocultural da comunidade que a utiliza. Segundo Perlin (2016), a emergência de doutores surdos e sua inserção na vida universitária cria novas “zonas de significação” — espaços nos quais os significados passam por reelaborações contínuas, adequando-se a novas realidades cognitivas. Nesse contexto, a mudança lexical em Libras não se dá de forma arbitrária, mas responde a pressões comunicativas e epistemológicas geradas pelo próprio avanço do conhecimento produzido em Libras. A língua, portanto, expande-se de dentro, em diálogo com os desafios da cientificidade e da tradução de complexidades semânticas.

Do ponto de vista linguístico, a criação de neologismos acadêmicos pode ser interpretada sob a ótica da produtividade lexical e da lexicalização gradual (Ullmann, 1964; Biderman, 1998). Inicialmente, sinais novos circulam em contextos restritos, geralmente entre grupos de

pesquisadores surdos, para, em seguida, serem difundidos mais amplamente conforme ganham reconhecimento social e utilidade comunicativa. Tal processo é reforçado pela circulação digital dos sinais — vídeos, dicionários online e redes de pesquisadores surdos — que funcionam como instrumentos de consolidação e padronização terminológica (Silva; Lima, 2021). Na medida em que essas novas formas são compartilhadas, tornam-se parte do repertório comum, sinalizando a mudança lexical em curso.

Um aspecto relevante desse fenômeno diz respeito à relação entre tradução e criação. Intérpretes educacionais e tradutores-intérpretes de Libras-Português têm papel central na mediação de conceitos acadêmicos, frequentemente atuando como coautores lexicais ao propor ou negociar novos sinais (Quadros, 2015). Contudo, a iniciativa criativa parte, em grande medida, dos próprios pesquisadores surdos, que sentem a necessidade de expressar, com precisão e autonomia, conceitos típicos da vida universitária. Em tais situações, a tradução não é meramente linguística, mas epistemológica: traduz-se não apenas a palavra, mas o pensamento — e, nesse processo, a língua ganha novas formas e significados.

Sob a perspectiva sociocultural, a mudança lexical em Libras reflete o fortalecimento de uma comunidade linguística que reivindica o direito à produção e transmissão de conhecimento em sua própria língua. Para Strobel (2008), a valorização da Libras como língua plena de ciência é parte do projeto político de emancipação da pessoa surda, afastando-se de paradigmas deficitários e aproximando-se de um modelo de diferença linguística e cultural. Assim, a criação de neologismos acadêmicos formula-se como uma estratégia de resistência à hegemonia do português escrito e como uma via de ampliação das fronteiras intelectuais acessíveis em Libras.

A mudança lexical em Libras, catalisada pela presença de doutores surdos no espaço universitário, configura um campo de observação privilegiado para compreender a relação entre linguagem, poder e conhecimento. O desenvolvimento de um léxico acadêmico sinalizado não é um fenômeno espontâneo, mas resultado de interações sociais complexas, práticas discursivas e disputas de sentido que redefinem continuamente o estatuto da Libras na sociedade brasileira. Cada novo sinal criado nesse contexto é, simultaneamente, um avanço linguístico e um gesto político de afirmação de uma epistemologia surda visual, autônoma e criadora de suas próprias categorias cognitivo-linguísticas.

Referencial teórico

O léxico acadêmico em Libras e o avanço da formação de doutores surdos

O léxico acadêmico em Libras constitui um domínio lexical em expansão, impulsionado pela progressiva inserção de pessoas surdas em programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Essa expansão reflete não apenas a necessidade comunicativa em contextos universitários, mas também a adaptação da língua de sinais a demandas epistemológicas complexas, caracterizadas por abstrações conceituais e terminologias específicas das ciências humanas e sociais (Silva *et*

al., 2023, p. 6345). A formação de doutores surdos, marco alcançado a partir da década de 2010, tem atuado como catalisador desse processo, uma vez que pesquisadores surdos passam a produzir ciência diretamente em Libras, exigindo a criação de sinais para conceitos como “metodologia”, “paradigma” e “ontologia” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 112).

O avanço da formação de doutores surdos no Brasil deve ser compreendido no contexto da legislação inclusiva e do reconhecimento da Libras como língua oficial. A Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, estabeleceu as bases para a educação bilíngue, pavimentando o caminho para o acesso ao ensino superior (Brasil, 2005, p. 1). Posteriormente, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Lei nº 14.191/2021 reforçaram a obrigatoriedade da modalidade bilíngue, com Libras como língua de instrução prioritária, ampliando o contingente de surdos em programas de mestrado e doutorado (Brasil, 2021, p. 2). Dados do Censo da Educação Superior indicam que, entre 2015 e 2023, o número de concluintes surdos em pós-graduação *stricto sensu* cresceu 150%, concentrando-se em áreas como Linguística, Educação e Estudos Culturais (INEP, 2024, p. 45).

Essa formação avançada tem gerado uma pressão terminológica inédita sobre o léxico de Libras. Em ambientes acadêmicos, como defesas de tese e seminários, surdos doutorandos e orientadores negociam novos sinais por meio de processos de composição iconizada e metáfora gestual, adaptando a gramática visual-espacial da língua a noções abstratas (Vidal, 2023, p. 23). O Glossário Letras-Libras, por exemplo, exemplifica essa dinâmica ao registrar neologismos bilíngues (Português-Libras) para termos técnicos da área de Letras e Linguística, desenvolvidos coletivamente por comunidades surdas (Albres, 2022, p. 336).

Além disso, como o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova, com Libras não seria diferente, comunidades surdas em todo país discutem e criam neologismos para responder às suas necessidades comunicativas. No entanto a ausência, durante muitos anos, de um meio de comunicação de massa para estas comunidades, acarretou a não difusão dos ‘novos sinais’. O curso Letras-Libras alia instrumentos (COPPELS, 2022, p. 336).

Como a renovação lexical em Libras responde a demandas acadêmicas específicas, superando barreiras históricas de difusão. Nesse sentido, o léxico acadêmico emerge como um subdomínio dinâmico, onde a criação de sinais-termos para conceitos como “epistemologia surda” ou “interseccionalidade” fortalece a autonomia epistêmica da comunidade (Felix *et al.*, 2023, p. 6347). Estudos sistemáticos sobre produção de sinais-termos confirmam que esses neologismos são essenciais para surdos, professores e intérpretes, contribuindo para a acessibilidade em contextos de pesquisa (GTLex, 2024, p. 39084).

O papel dos intérpretes educacionais na formação de doutores surdos merece destaque no referencial teórico. Eles atuam como mediadores lexicais, propondo adaptações iniciais que são refinadas pelos próprios surdos pesquisadores (Macedo, *et al.*, 2026.). Contudo, a agência criativa reside primordialmente nos doutorandos surdos, que incorporam elementos culturais visuais à lexicalização, como o uso de classificadores espaciais para representar relações hierárquicas

em metodologias qualitativas (Marinho, 2016, p. 67). Essa interação dialógica entre surdos e ouvintes reforça a vitalidade da Libras como língua de ciência (Perlin, 2016, p. 89).

A análise comparativa de variações querológicas e lexicais em diferentes regiões brasileiras revela padrões consistentes no léxico acadêmico. Em Fortaleza e Maceió, por exemplo, sinais para “doutorado” e “tese” exibem variações regionais, mas convergem em processos de neologização motivados por iconicidade (Vidal, 2023, p. 56). Da mesma forma, canais como “Surdo Cult” no YouTube documentam neologismos em contextos cinematográficos e acadêmicos, demonstrando a influência digital na estabilização lexical (Souza Junior, 2018, p. 2724).

The present dissertation aims to identify and analyze the occurrence of the linguistic phenomenon ‘Neologismo’ in the Brazilian Language of Signs - Libras, specifically in a Youtube channel, entitled ‘Surdo Cult’, which deals with the cinematographic sphere and its circumscribed themes. In this research we show that, like the other natural languages, the phenomenon of neologism also occurs in Libras, especially because of the imminent need to attribute new signs to various spheres in which the deaf have gained space and representation (Souza Juniors, 2018, p. 2724).

Essa passagem traduz o caráter adaptativo da Libras, estendendo-se ao âmbito acadêmico onde doutores surdos expandem o léxico para além do cotidiano. A teoria da enunciação, aplicada às línguas de sinais, enfatiza que tais mudanças não são isoladas, mas enraizadas em práticas discursivas da comunidade surda (Miranda, *et al.*, 2022, p. 1).

Ademais, glossários de sinais-terminos para educação bilíngue de surdos destacam a importância do léxico acadêmico na formação docente e de pesquisadores. A construção coletiva desses recursos potencializa a inclusão ao fornecer ferramentas para a expressão científica em Libras (Felix *et al.*, 2023, p. 6349). Em Goiás, estudos preliminares sobre mudança lexical confirmam alterações em sinais relacionados à academia, como “pesquisa” e “publicação”, refletindo o avanço educacional (Silva, Gonçalves, 2020).

A integração de tecnologias digitais acelera essa transformação. Plataformas de vídeo facilitam a difusão de neologismos acadêmicos, permitindo que doutores surdos de diferentes regiões padronizem sinais (Marques; Martins; Guirelli, 2025, p. 135). Transformações como a lexicalização de “Inteligência Artificial” em Libras exemplificam como o léxico se adapta a inovações interdisciplinares (Marques; Martins; Guirelli, 2025, p. 135).

Em síntese teórica, o léxico acadêmico em Libras, fomentado pelo avanço da formação de doutores surdos, opera por mecanismos de neologização comunitária, mediação interpretativa e circulação digital, consolidando a Libras como veículo pleno de produção científica (Silva; Lima, 2021, p. 112).

Processos de neologização em Libras

Os processos de neologização em Libras manifestam-se por meio de mecanismos internos à estrutura morfológica e semântica da língua, adaptados à sua modalidade visual-espacial e à

iconicidade inerente aos sinais. Esses processos incluem composição, derivação por alteração de parâmetros, metáfora visual, iconicidade motora e empréstimos adaptados, respondendo a demandas comunicativas emergentes, especialmente em contextos acadêmicos (Quadros; Karnopp, 2004, p. 67). A composição, um dos processos mais produtivos, ocorre pela justaposição de dois ou mais sinais existentes para formar um novo item lexical, explorando a simultaneidade gestual característica das línguas de sinais (Ferreira; Ferreira, 2016, p. 1).

A derivação por alteração de parâmetros — configuração de mão, localização, movimento ou orientação — constitui outro mecanismo fundamental, permitindo a criação de sinônimos ou especializações semânticas a partir de sinais primitivos. Por exemplo, o sinal para “pesquisar” deriva de “perguntar” por meio de modificação no movimento, ilustrando a flexibilidade morfológica da Libras. Essa derivação é particularmente relevante na neologização acadêmica, onde sutis variações distinguem conceitos como “análise qualitativa” de “análise quantitativa” (Santos, 2017, p. 2).

A formação de sinais por composição parece ser muito produtiva na Libras, já que, como veremos, é possível em inúmeras circunstâncias a justaposição de dois ou mais sinais para formação de um novo item lexical na língua. A rigor, a composição parece ser o grande processo de formação de palavras nessa língua (Souza, *et al.*, s.d., p. 1).

A citação reforça a centralidade da composição na expansão lexical, processo que se intensifica em ambientes como salas de aula universitárias, onde surdos doutorandos combinam sinais para termos como “epistemologia crítica” (Rosa; Pontin, p. 2). A iconicidade motora, por sua vez, explora movimentos que imitam ações ou funções, como no sinal inicial para “computador”, que evolui para formas lexicalizadas padronizadas.

A metáfora visual e a metaforização constituem processos semânticos cruciais, transferindo significados de domínios concretos para abstratos via padrões como ponto de pivô e movimento. Estudos cognitivistas identificam orientação, conceitual e ontológica como tipos predominantes, ancorados na iconicity das línguas de sinais (Mendes, 2013, p. 164). Por exemplo, sinais para “pensar” metaforizam processos internos como fluxos espaciais, adaptando-se a conceitos acadêmicos como “raciocínio lógico” (Faria-Nascimento, 2009, p. 45).

Neste artigo observaremos a criação de neologismo na Libras, Língua Brasileira de Sinais. Assim como em toda e qualquer língua, a Libras possui neologismos. Esses surgem predominantemente na língua oral, em vista de uma necessidade momentânea. Segundo Rosa (2009), a língua de sinais é o mais visível e influente traço identitário na construção de uma identidade surda. [...] A principal forma de criação é a associação à imagem do objeto, palavra ou ao que for. Os neologismos na Libras podem acontecer de uma forma linguisticamente acadêmica, ao se criarem sinais para termos de uso educacional ou vocábulos para acréscimo linguístico; ou, informalmente, nas rodas de conversas, nas quais surdos criam sinais próprios para algo que ocorra (Rosa; Pontin., s.d., p. 1-2).

Essa passagem destaca a dualidade formal/informal da neologização, com ênfase na iconicidade como base primária, especialmente em neologismos acadêmicos validados coletivamente (Souza Junior, 2018). Empréstimos de outras línguas de sinais ou transliterações

do português escrito ocorrem via adaptação estereotipada, como configurações de mão para iniciais de palavras (Santos, 2017, p. 3). Propostas inovadoras, como a “ancoragem lexical”, ancoram novos sinais em elementos visuais familiares, ampliando o repertório sem ruptura total (Santos, 2017, p. 2).

No contexto da Química, projetos como o Glossário de Libras: Química exemplificam pesquisa-ação na neologização, com criação participativa de sinais para termos técnicos, ancorados em abordagens cognitivistas e funcionalistas (UFAM, 2016, p. 1). A lexicalização gradual transforma representações ad hoc em sinais fixos, amplamente compreendidos, como no caso de “teclado” evoluindo para formas convencionais (Marques; Martins; Guirelli, 2025, p. 140).

A incorporação numérica e negacional enriquece a derivação, permitindo variações como “três pesquisas” ou “não pesquisar”, processos descritos em variedades regionais como Belém do Pará (Ferreira; Ferreira, 2016). Plataformas digitais aceleram a validação, com canais como “Surdo Cult” catalisando neologismos cinematográficos e acadêmicos (Ferreira; Ferreira, 2016).

Quando essa representação se torna um sinal fixo e amplamente compreendido, ela se torna um neologismo incorporado ao vocabulário da língua. Por exemplo, o sinal para computador em várias línguas de sinais inicialmente foi criado a partir de movimentos e configurações de mão que imitavam o uso de um teclado, mouse ou tela. Com o uso frequente e a necessidade de comunicação mais rápida, esse sinal passa pelo processo de lexicalização tornando-se um neologismo, com uma forma padrão (Marques; Martins; Guirelli, 2025, p. 2339).

Essa dinâmica reflete a autonomia linguística surda, moldando a Libras às transformações culturais e tecnológicas (Rodríguez, 2023., p. 1). Em síntese, os processos de neologização em Libras — composição, derivação, iconicidade e metaforização — operam em rede, impulsionados por necessidades acadêmicas e validados comunitariamente (Bidderman, 2001, p. 89).

Agentes da inovação lexical: tradutores, professores e doutorandos surdos

Os agentes da inovação lexical em Libras atuam em rede colaborativa, com papéis distintos mas interdependentes, impulsionando a criação e difusão de neologismos acadêmicos. Tradutores-intérpretes de Libras-Português (TILSP), professores (ouvintes e surdos) e doutorandos surdos emergem como principais atores, mediando entre demandas comunicativas e processos de lexicalização. Os TILSP exercem função pivotal ao criar sinais provisórios em contextos acadêmicos, como bancas de qualificação, onde negociam termos ausentes no repertório convencional (Alfaia; Fiss, 2024).

Os tradutores-intérpretes não se limitam à equivalência literal, mas atuam como co-criadores lexicais, propondo neologismos baseados em glossários bilíngues e validação comunitária. Estudos revelam demanda por sinais-termos psicológicos e educacionais, onde TILSP desenvolvem competência tradutória ao apropriar-se de glossários, reduzindo o uso

excessivo de Português sinalizado. Sua intervenção em IES envolve estratégias de explicitação visual, ancorando conceitos abstratos em metáforas gestuais.

“Estudos indicam uma grande demanda por neologismos e traduções para Libras, apontando para o uso excessivo do Português sinalizado nas interpretações, a criação de sinais provisórios, a pouca difusão dos glossários existentes e a relevância de glossários terminológicos bilíngues em Libras-Português para a competência tradutória. [...] ao se apropriar de conceitos e sinais-termo organizados em um glossário, o TILSP desenvolve sua CT e, conseqüentemente, o Surdo tem mais possibilidade de compreensão devido ao acesso a uma terminologia especializada em Libras.

Essa passagem evidencia o papel transformador dos TILSP, que, ao criar sinais provisórios, pavimentam a lexicalização definitiva. Tradutores-intérpretes surdos (TILS) ampliam essa agência, reinterpretando sinalizações ouvintes para variações surdas regionais ou entre línguas de sinais distintas (IFPB, 2022, p. 1). Regulamentados pela Lei nº 14.704/2023, eles intermediam comunicações surdo-surdo, fomentando inovações em contextos acadêmicos (Brasil, 2023, p. 1).

Professores surdos e ouvintes atuam como agentes institucionais da inovação, integrando neologismos em aulas e pesquisas. Professores surdos, como doutores formados em Linguística e Educação, validam sinais em produções acadêmicas, configurando normas textuais em Libras (Silva, 2018). Eles estimulam políticas linguísticas surdas, produzindo artigos e teses que consolidam léxico acadêmico (Silva, 2018).

“Normas que, por sua vez, passam a ser pensadas e aplicadas no campo acadêmico e a partir de uma perspectiva de consolidação e reconhecimento linguístico, funcionam, portanto, como ferramentas de política linguística. Percebe-se que o registro formal e as produções acadêmicas difundidas diretamente acadêmicas e suas respectivas normas textuais acadêmicas em Libras, justamente como ferramenta política, uma vez que a comunidade acadêmica surda, sobretudo os agentes proponentes de muitas das iniciativas dessas vias e ferramentas (surdos acadêmicos), acreditam que discutir sobre uma nova configuração da língua de sinais pode também” (Silva, 2018).

Professores ouvintes, aliados a intérpretes, co-constroem glossários em IES, como na Zona da Mata Mineira, validando sinais-termos educacionais (MACHADO, 2023, p. 2). Doutorandos surdos representam a agência primária, impulsionando neologismos por necessidade epistêmica em teses e seminários (Pereira; Freitas-Reis, 2023).

Doutorandos surdos negociam sinais em interações surdo-surdo, reinterpretando Português sinalizado para Libras autêntica (IFPB, 2022, p. 2). Sua produção acadêmica, incentivada pelo art. 68 da LBI, enriquece o léxico com discursos surdos originais (Pereira; Freitas-Reis, 2023). Em parcerias docente-intérprete, eles beneficiam-se de suporte para lexicalização (Godoi, *et al.*, 2023).

“O intérprete de Libras é aquele qualificado por meio do exame de proficiência para fazer a interpretação simultânea ou consecutiva de duas línguas. Com fluência na Língua Brasileira de Sinais, o intérprete é capaz de realizar a comunicação em diversos ambientes entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdocegos, surdocegos e ouvinte, por meio da Libras para língua oral e vice-versa. [...] O Decreto nº 5.626/05 discute a formação do tradutor e intérprete de Libras, enfatizando que ela deve se efetivar por meio de curso superior em interpretação e tradução” (Godoi, *et al.*, 2023).

Essa rede — TILSP/TILS como mediadores, professores como validadores e doutorandos como inovadores — dinamiza a mudança lexical, refletindo adaptações tecnológicas e culturais. O intérprete educacional surdo reforça perspectivas culturais, organizando discursos para fidelidade visual.

Esses agentes constroem coletivamente o léxico acadêmico de Libras, superando barreiras por meio de glossários, produções e mediações.

Implicações socioculturais e epistemológicas da mudança lexical

As implicações socioculturais da mudança lexical em Libras transcendem o mero acréscimo vocabular, configurando-se como mecanismo de reforço identitário e resistência cultural da comunidade surda. A criação de neologismos acadêmicos, especialmente por doutores surdos, materializa o conceito de *Deafhood*, processo de autoafirmação que rejeita paradigmas patológicos e afirma a visualidade como essência cognitiva e linguística (Ladd, 2003, p. 12). Essa mudança lexical reflete transformações sociais, como o acesso à universidade, adaptando a Libras a debates sobre globalização, diversidade e inclusão.

Socioculturalmente, neologismos sinalizam empoderamento, distanciando a Libras de empréstimos do Português e preservando sua iconicidade visual-espacial. Líderes surdos veem a rejeição de sinais ouvinte-centrados como ato político contra colonialismo linguístico, priorizando modos de pensar surdos. A variação lexical por fatores sociais — idade, escolaridade, identidade — reforça laços comunitários, com neologismos educacionais facilitando acesso à ciência (Xavier, 2010, p. 57).

“No caso específico da Libras, essa evolução se manifesta por meio de mudanças lexicais, sintáticas e discursivas, que são um reflexo direto das transformações socioculturais vivenciadas pela comunidade surda. Nessa perspectiva, a variação linguística presente na Libras evidencia sua natureza dinâmica e adaptativa. [...] A mudança linguística na Libras (a criação de novos sinais ou a repulsa a empréstimos do Português) é, muitas vezes, um movimento deliberado de distanciamento cultural. Ao priorizar a visualidade como elemento primordial da comunicação, a comunidade surda está reforçando sua própria cultura surda” (CONEDU, 2025, p. 1).

Essa passagem ilustra como a mudança lexical ratifica identidade surda, combatendo logocentrismo oral-auditivo. Culturalmente, neologismos tecnológicos e sociais — “globalização”,

“diversidade” — incorporam debates contemporâneos, enquanto acadêmicos democratizam o saber surdo.

Epistemologicamente, a mudança lexical legitima uma epistemologia surda visual, onde neologismos acadêmicos expandem categorias cognitivas para produção científica em Libras. Isso desafia hegemonias textuais, afirmando a Libras como língua de pensamento abstrato e rigor científico (Skliar, 2010, p. 45). A lexicalização de conceitos como “epistemologia surda” consolida *Deaf epistemologies*, ancoradas em experiências visuais compartilhadas (Perlin, 2016, p. 89).

A deslexicalização de sinais obsoletos, impulsionada por mudanças culturais, evidencia adaptação dinâmica, essencial para contextos educacionais onde padronização lexical garante compreensão. Estudos em Goiás confirmam mudanças lexicais históricas em materiais didáticos, refletindo evolução sociocultural.

A deslexicalização pode ocorrer devido a mudanças culturais, tecnológicas ou sociais, que fazem com que certos sinais percam relevância ou se tornem menos usados. Por exemplo, sinais relacionados a tecnologias antigas podem cair em desuso com a popularização de novos dispositivos. [...] Com o surgimento de novas ferramentas, as comunidades surdas frequentemente desenvolvem neologismos e adaptam o vocabulário para manter a comunicação eficaz e abrangente. Essas transformações refletem a capacidade das línguas de sinais de se adaptarem diante de novas demandas (Marques, 2024, p. 2339).

Neologismos em canais como “Surdo Cult” ilustram expansão epistemológica para esferas cinematográficas e acadêmicas, preenchendo lacunas históricas de silêncio linguístico. A bilinguismo Libras-Português na educação superior reforça aquisição lexical, mitigando déficits iniciais em filhos de ouvintes.

Socioculturais e epistemológicas implicações interseccionam-se na *Tradução Cultural*, que preserva nuances surdas em produções acadêmicas. A variação fonológica e lexical direciona-se ao contexto social, evidenciando vitalidade linguística.

Em síntese, a mudança lexical em Libras implica resistência identitária, adaptação sociocultural e emergência de epistemologias surdas autônomas, reconfigurando o panorama científico brasileiro.

Conclusão

A mudança lexical em Libras, analisada ao longo deste artigo por meio da criação de neologismos acadêmicos na formação de doutores surdos, revela-se um fenômeno complexo que transcende a mera expansão vocabular, configurando-se como motor de transformação linguística, cultural e epistemológica (Biderman, 2001, p. 89).

Os processos de neologização identificados — composição, derivação paramétrica, metáfora visual e ancoragem lexical — demonstram a capacidade interna da Libras de responder a demandas comunicativas emergentes, particularmente nos espaços universitários

onde doutorandos surdos negociam sinais para conceitos como epistemologia, hermenêutica e interseccionalidade (Quadros; Karnopp, 2004, p. 112). Esses mecanismos, catalisados por agentes como tradutores-intérpretes educacionais (TILSP), professores surdos e ouvintes, e os próprios pesquisadores doutorandos, operam em rede colaborativa que valida e difunde inovações lexicais, superando limitações históricas impostas pela ausência de terminologia científica na língua de sinais (Perlin, 2016, p. 89).

As implicações socioculturais dessa mudança reforçam a afirmação identitária da comunidade surda, consolidando a Libras como veículo pleno de produção científica e resistência ao colonialismo linguístico oralista. Epistemologicamente, emerge uma cognição visual-surda autônoma, capaz de articular abstrações teóricas em modalidade gestual-espacial, desafiando hegemonias textuais e ampliando as fronteiras do pensamento acadêmico brasileiro (Strobel, 2008, p. 45).

Conclui-se, portanto, que o estudo sistemático desses neologismos acadêmicos não apenas documenta a vitalidade linguística da Libras, mas também contribui para políticas linguísticas inclusivas que reconheçam a língua de sinais como infraestrutura essencial para a democratização do saber. Pesquisas futuras devem priorizar corpora videolinguísticos longitudinais e análises comparativas regionais, visando mapear trajetórias de lexicalização e subsidiar glossários bilíngues oficiais para o ensino superior (Silva; Lima, 2021, p. 112).

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Produção de sinais-termos em Libras para conceitos acadêmicos: uma revisão sistemática e suas contribuições para surdos, professores e tradutores e intérpretes educacionais. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0917, 2024. DOI: 10.14393/Lex-v9a2023/24-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/72942>. Acesso em: 7 mar. 2026.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Produção de sinais-termos em Libras para conceitos acadêmicos: uma revisão sistemática e suas contribuições para surdos, professores e intérpretes**. Gestão & Tecnologia Lexical, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2024.

ALFAIA, Amanda Coelho.; FISS, Dóris Maria Luzzardi. O Tradutor Intérprete de Libras - Português (TILSP) como pesquisador orgânico da terminologia. **Letras**, [S. l.], n. 68, p. e85932, 2025. DOI: 10.5902/2176148585932. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/85932>. Acesso em: 7 mar. 2026.

ALVES, José de Souza. **Neologismos na língua portuguesa**. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-25, 1990.

BIDDERMAN, Maria Teresinha Coelho. **Teoria linguística: teoria lexical e semântica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Institui a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 26 de outubro de 2023.** Regulamenta profissão de Tradutor-Intérprete de Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 27 out. 2023.

CAPOVILLA, Fernando César; CAPOVILLA, Andréia de Freitas; MELLADO, Mônica Cristina. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos.** São Paulo: Memnon, 2017.

FELIX, Edson et al. **Educação de surdos: glossários de sinais-termo em Libras no contexto acadêmico.** Ensino & Pesquisa, Paraná, v. 5, n. 2, p. 6345-6349, 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Sindy Rayane de Souza; FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 67–98, 2016. DOI: 10.5433/1519-5392.2016v16n1p67. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/19293>. Acesso em: 7 mar. 2026.

GODOI, Jonas Bento de; MATTOS, Alan Marlon de; MARTINS FILHO, Lourival José. O intérprete de Libras como suporte ao trabalho docente: parceria de trabalho visando ao discente surdo. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 19, 4 de junho de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/29/19/o-interprete-de-libras-como-suporte-ao-trabalho-docente-parceria-de-trabalho-visando-ao-discente-surdo>

INEP. **Censo da Educação Superior 2023.** Brasília: MEC/INEP, 2024.

JOHNSTON, Trevor. **Lexicalization in sign languages.** Sign Language Studies, Washington, v. 10, n. 1, p. 1-25, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf culture: in search of Deafhood.** Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

MACÊDO, Josy Vitória de Sousa.; PROMETI, Daniela.; BEZERRA, Giovana Cristina de Campos.; ELIAS, Ananda Loiola Simões.; CAVALCANTE, Priscilla Fonseca.; OLIVEIRA, Shaiane Passos Santos de. Terminologia acadêmica em Libras: caminhos e possibilidades. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1–16, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18613527. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/513>. Acesso em: 7 mar. 2026.

MACHADO, Lael. **A atuação de intérpretes no desenvolvimento da Libras.** Letras UFV, Viçosa, p. 1-2, 2023.

MARINHO, Maria Aparecida. **Neologismos em Libras: identificação e análise**. Cuiabá: UFMT, 2016.

MARQUES, J. G. T. **Observações sobre as transformações lexicais na Libras em contextos tecnológicos**. Revista do GEL, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 127-150, 2024.

MARQUES, Janice Gonçalves Temoteo; MARTINS, Antonielle Cantarelli; GUIRELLI, Fernanda de Oliveira. Observações sobre as transformações lexicais na Libras em decorrência dos avanços tecnológicos: Observations on lexical transformations in Brazilian Sign Language (Libras) due to technological advances. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 127–150, 2025. DOI: 10.21165/gel.v21i2.3744. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3744>. Acesso em: 7 mar. 2026.

MENDES, Maria Luiza. **A metaforização na constituição dos sinais na Libras**. Goiânia: UFG, 2013.

PEREIRA, Kevin Lopes; FREITAS-REIS, Ivoni . Discursos sobre o Papel do Tradutor-Intérprete Educacional de Libras/Português. **Revista brasileira de educação especial**, v. 29, 1 jan. 2023.

PERLIN, Gleiton. **Identidades surdas e práticas discursivas na universidade**. Florianópolis: UFSC, 2016.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Helena R. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico**. Florianópolis: UFSC, 2017.

SILVA, A. R.; LIMA, C. H. **Neologismos em Libras no contexto digital: circulação e padronização**. Revista Sinal em Foco, v. 5, n. 2, p. 89-112, 2021.

SILVA, Erliandro Felix. et al. Educação de surdos: glossários de sinais-termo em Libras e a formação de professores bilíngues. **Revista Ensino & Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 102–118, 20 ago. 2024.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. e63237, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.63237. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/63237>. Acesso em: 7 mar. 2026.

SILVA, Rodrigo Custódio da. Produções Acadêmicas em Libras como Ferramentas de Política Linguística das Comunidades Surdas Brasileiras. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 58, p. 107–123, 2018. DOI: 10.28998/2317-9945.201758.107-123. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/3651>. Acesso em: 7 mar. 2026.

SOARES, Janine Soares de. Glossário Letras-Libras Como Ferramenta Para Formação/Consulta De Tradutores, Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (2008 - 2022): 2010: **Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://publicacao.copels.com.br/index.php/tilsp/article/view/558>>. Acesso em: 7 mar. 2026.

SOUZA JUNIOR, Fábio Vieira de. **Neologismos em libras – identificação e análise de sinais a partir de um canal do Youtube**. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2018.

STOKOE, William C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf**. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

STROBEL, Karina F. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice M. de. **Lexicologia da Libras e criação de sinais**. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 35-50, 2006.

TOURNIER, Jean. **Introduction à la lexicologie**. Paris: CEDIC, 1985.

ULLMANN, Stephen. **Semantics: an introduction to the science of meaning**. Oxford: Basil Blackwell, 1964.

VIDAL, Vanessa L. **A variação querológica e lexical da Libras: estudo comparativo**. Maceió: UFAL, 2023.